

TikTok: possibilidades de gestos críticos no ambiente virtual / TikTok: the possibility of critic literacy in the virtual environment

Sônia Virginia Martins Pereira¹

Professora do Departamento de Letras da UFPE e do Programa de Pós Graduação em Letras da UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0001-8964-3069>

Everton Henrique Souza da Silva**

Graduando em Letras- Português/Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

 <https://orcid.org/0000-0002-8260-8292>

Recebido em: 17 jun. 2022. Aprovado em: 28 ago. 2022.

Como citar este artigo:

PEREIRA, Sônia Virginia Martins; DA SILVA, Everton Henrique Souza. TikTok: possibilidades de gestos críticos no ambiente virtual. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 183-204, set. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8169859>

RESUMO

Ao navegarem nos espaços digitais, os sujeitos não recebem passivamente as informações. Eles têm, com considerável facilidade, o papel de *escreitor*, conforme proposto por Paveau (2021) - leem e escrevem sobre o que está em circulação. Tal conjuntura permite a determinados teóricos defenderem a indissociabilidade entre as ações sociais do homem e a máquina atualmente. Por essa via, diversificadas plataformas populares, como o *TikTok*, mídia social chinesa, permitem, com seus recursos tecnológicos, a criação e circulação de práticas de linguagens que fomentam o debate de diversos temas e marcam posições ideológicas, num percurso de *escrita*. À vista disso, esta pesquisa objetiva refletir de que modo os discursos presentes nesse ambiente virtual instigam e contribuem para (des)construção de posicionamentos ideológicos, em cadeias discursivas. Sendo assim, nos apoiando numa fundamentação teórica composta por noções da análise dialógica do discurso, análise do discurso digital e da perspectiva de letramento crítico, analisamos posicionamentos em processos enunciativo-discursivos de postagens sobre dois temas recorrentes e seus comentários. A partir disso, compreendemos que, ao se constituir em arena discursiva, o *TikTok* corrobora para discursos performativos acerca de fatos e temas sociais, o que abre espaço para que interlocutores, em seus papéis ativos-responsivos, efetuem o processo de letramento crítico para ratificação e refutação de ideias, um traço do *escreitor*, em seus movimentos enunciativos multissemióticos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso digital; Posicionamento crítico; *TikTok*.

ABSTRACT

While navigating the digital spaces, the subjects don't receive the information passively. They have, with considerable ease, the role of *writer* as proposed by Paveau (2021) - read and write about what's circulating. Such conjecture allows certain theoreticians to defend the indissociable relation between the social action of man and machine currently.

1

 sonia.mpereira@ufpe.br

**

 everton.souzasilva@ufpe.br

Regarding that, a diversity of popular platforms, TikTok for instance, a Chinese social media, allows, with its technological resources, the creation and circulation of language practices that enable the debate of a diversity of themes and marks ideological positions, in a writing route. In view of this(thus), the objective of this research is to reflect on how the discourses present in this virtual environment instigate and contribute to the (de)construction of ideological positioning, in discursive chains. Therefore, using a theoretical foundation composed of notions of dialogical discourse analysis, digital discourse analysis and the perspective of critical literacy, we analyzed the positionings that exist in the enunciative discursive process in posts of two recurrent themes and its comments. From that, we've concluded that, by constructing itself in discursive arena, TikTok corroborates to performative discourses relative to facts and social issues, that opens up space so that the interlocutors, through their responsive-active roles, carry out the critic literacy process to ratify and refute ideas, a writer trait, in their multisemiotic enunciative movements.

KEYWORDS: Digital discourse; Critical positioning; TikTok.

1 Introdução

Os estudos da linguagem voltados para interação discursiva nas relações interpessoais, na contemporaneidade, não podem prescindir do estudo sobre o papel das ferramentas tecnológicas, sobretudo no ciclo pandêmico e pós-pandêmico, contexto em que a *internet* passou a ser utilizada mais ostensivamente, também, para simples atividades do cotidiano. Ao navegarem em determinados espaços digitais, os sujeitos não recebem passivamente as informações, pois assumem, com considerável facilidade, o papel de *escreitor*, conforme posto em Paveau (2021) – leem e escrevem sobre o que está em circulação. Nesse sentido, os que têm acesso à *internet* estão constantemente em contato com (hiper)textos² que possuem em suas tessituras a mescla de diferentes linguagens: escrita e/ou imagem e/ou som (PINHEIRO; ARAÚJO, 2020, p. 202), oportunizando, assim, a visualização de alta multimodalidade.

Nos termos de Paveau (2021), essa expressão digital corrente é o *tecnografismo*, compósito nativo de *internet* que associa imagem estática ou em movimento e texto; produção semiótica multimidiática, inerente à escrita na *web 2.0*, na qual “as duas ordens semióticas do texto e da imagem são uma só, sendo simultâneas, indistinguíveis e indissociáveis” (PAVEAU, 2021, p. 333). Desse modo, nas práticas de linguagem, por intermédio dos aparelhos eletrônicos com acesso à *internet*, os sentidos são produzidos por uma única ordem verbo-icônica, o *tecnografismo*.

² Aqui, o uso dos parênteses em “(hiper)texto” é intencional, para que a ideia de continuum entre texto e hipertexto seja evidenciada, e não a de dicotomia apresentada pela literatura, como apontam Pinheiro e Araújo (2020), sendo importante uma visão holística que, conforme Gomes e Silva (2020) num artigo em fase de elaboração, proporcione novas formas de se compreender a leitura e o texto. Explicaremos ainda mais essa concepção no decorrer da pesquisa.

Tal conjuntura impele à revisão de teorias, no campo da linguística textual e de análise do discurso, para compreendermos os modos como se configuram os gêneros nativos digitais, que exigem (multi)letramentos, bem como os discursos que são produzidos e circulam na ambiência digital. Nessa ebulição de possibilidades frente às telas dos aparelhos eletrônicos, outras subjetividades e discursividades são construídas, o que exige novos olhares sobre o fenômeno das práticas tecnolinguageiras. Na esteira dessa inovação, o *TikTok*, mídia social chinesa, é mais uma plataforma popular com muitos recursos tecnológicos, que permite a criação e circulação de (hiper)textos, possibilitando o debate de temas importantes como racismo, feminicídio e gordofobia.

O estado atual da arte ressalta a profícua utilização dessa mídia social para o processo educativo, como demonstram as pesquisas de Monteiro (2020) e de Barin, Ellensohn e Silva (2020). Ambos os trabalhos investigam as possibilidades de uso do *TikTok* para um ensino mais dinâmico, participativo e, conseqüentemente, interativo, na medida em que os vídeos postados nesse espaço presumem um educando que, ao ser atravessado pelas ideias, assume postura crítica sobre o conteúdo visto. Logo, a literatura atual defende que é possível “utilizar o *TikTok* como uma possibilidade de inserir o aluno como agente ativo na construção de sua própria aprendizagem” (MONTEIRO, 2020, p. 18), pois “os vídeos gravados [...] despertaram o interesse dos alunos pelo aprendizado” (BARIN; ELLENSOHN; SILVA, 2020, p. 9).

Com a conjuntura pandêmica, uma revisão bibliográfica nos mostra, ainda, o quanto “o *TikTok* mostrou-se como um meio viável para os profissionais [de saúde, como os médicos] educarem e dissiparem mitos sobre o COVID-19 para um amplo e diversificado grupo demográfico de adolescentes” (OSTROVSKY; CHEN, 2020, p. 1, tradução nossa)³. Desse modo, observamos que as pesquisas trazidas aqui estão com o foco voltado à educação da escola em Monteiro (2020), assim como em Barin, Ellensohn e Silva (2020), e ao teor informativo instigado pela mídia social. Isso posto, afirmamos que este artigo toma como base tais estudos, complementando-os ao destacar a preocupação em relação aos modos como os discursos circulam, são recebidos e consumidos criticamente pelos usuários do *TikTok*.

Diante desses processos enunciativos desenvolvidos nessa mídia social, é pertinente destacar o conceito de responsividade, originário do pensamento bakhtiniano, entendido como

³ “*TikTok has shown itself to be a viable means for practitioners to educate and dispel myths about COVID-19 to a broad and diverse adolescent demographic*” (OSTROVSKY; CHEN, 2020, p. 1).

resposta ativa, em decorrência da compreensão de um enunciado num espaço dialógico que impulsiona a transformação e recriação do próprio enunciado. Em Bakhtin (2000), o destinatário observa que o locutor revela uma entoação avaliativa relacionada a seu projeto de dizer e a seu interlocutor. Ademais, observa que o interlocutor, assumindo a palavra ativamente, replica o locutor, em razão daquela posição axiológica. Nessa interação discursiva, o interlocutor assume o papel de locutor; ou, na interatividade do ambiente digital, nos termos de Paveau (2021), como visto, de *escreitor*.

Portanto, objetivamos refletir de que modo os discursos presentes nesse ambiente virtual instigam e contribuem para (des)construção de visões de mundo de usuários a respeito dos movimentos sociais negro e feminista. A fim de uma leitura fluida e melhor discussão, dividimos o trabalho em três subseções: a primeira, com a discussão sobre noções de (hiper)texto e letramento crítico, desenvolvida à luz da linguística do texto e da análise do discurso digital e sob o escopo que os próprios estudos dos letramentos críticos empreendem; a segunda, que descreve a metodologia desenvolvida para uma análise descritiva-interpretativista; e a terceira, na qual efetivamos a análise e discussão dos vídeos e comentários do *TikTok* tomados como objeto de estudo.

Encerramos a pesquisa com a conclusão do que foi mostrado e construído, além da indicação de outros temas que podem ser trabalhados em diversificados campos da linguística e de análise do discurso. Por meio das reflexões desenvolvidas, consideramos que, ao se constituir como arena discursiva, o *TikTok* corrobora para discursos performativos acerca dos grupos e movimentos indicados no *corpus* do estudo. Ademais, os interlocutores ou *escreitores*, a partir de seus papéis ativos-responsivos, efetuam, em certa medida, o processo de letramento crítico, como defendido por Janks (2018), para ratificar uma ideia ou refutá-la marcando sua posição axiológica.

2 Discurso digital e posicionamentos ideológicos entre *links* e *rolagens*

Há duas décadas, Xavier (2002) expunha que a sociedade de informação daquele período havia gerado um novo modo de enunciação e representação - o hipertexto, fenômeno linguístico, que dizia respeito às produções textuais presentes no ambiente virtual, com diferentes linguagens

imbricadas: escrita, imagem e som. Aquela nova maneira de interação nascia, conforme o linguista, da necessidade dos usuários de produzir mensagens com diferentes semioses, reconfigurando noções de leitura, intertextualidade e outras caras ao campo de estudos do texto, sob o viés da linguística.

Inserido na agenda dos estudos da linguística de texto, o hipertexto passou a ser visto em suas peculiaridades de leitura, suporte, contínuo fala-escrita, práticas comunicativas, junção de semioses e mídias, como apontaram Koch e Elias (2016) e Elias (2015), o que exigiu das pessoas um letramento digital, concebido por Coscarelli (2020) como a apreensão de práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais. No campo da análise do discurso digital, Paveau (2021) assevera que, desde a década de 1990, a noção de hipertexto é estudada na literatura e nas ciências da informação e comunicação, mas não entrou na agenda de estudos linguísticos, embora pesquisadores daquelas áreas já indicassem questões linguísticas implícitas naquela noção.

Ainda na esteira da conceituação do termo hipertexto, em revisão da literatura, Pinheiro e Araújo (2020) mantêm visões divergentes a respeito do debate da (não) existência de um novo modo de enunciação e representação em contexto hipertextual. Sob esse ângulo, encontram-se pesquisadores que não percebem diferenças entre texto e hipertexto (KOCH, 2002; MARCUSCHI, 2000; POSSENTI, 2002; COSCARELLI, 2006; RIBEIRO, 2005, 2009 *apud* PINHEIRO; ARAÚJO, 2020); todavia, há outros que notam distinções e as defendem (LÉVY, 1999; XAVIER, 2002, 2007, 2010; GOMES, 2007 *apud* PINHEIRO; ARAÚJO, 2020). Dentro dessa complexidade de reflexões e pontos de vista, “os autores perceberam que mais importante do que definir o hipertexto é saber o que fazer com ele e *como seu uso influencia as práticas sociais (escolares ou não)*” (PINHEIRO; ARAÚJO, 2020, p. 186, grifo nosso).

A despeito da postura epistemológica convergente ou divergente de autores e pesquisadores, precisamos compreender que, desde suas primeiras definições, seria preciso considerar os processos tecnolinguageiros que aglutinam a produção e recepção de hipertextos e que os tornam quase um movimento único. Ademais, outras áreas já asseguram a obsolescência ou superação do hipertexto (mesmo que, na *internet*, ainda se tenha uma falsa percepção de sua supremacia). Em razão do *design* de página única (PAVEAU, 2021), campos do estudo do texto e do discurso podem se voltar para a compreensão do retorno da linearidade do discurso ou deslinearização do enunciado. Isso se dá devido ao formato narrativo quando, nas mídias sociais

e em outros ambientes digitais, há a substituição do clique em *links* por rolagens de cima para baixo e vice-versa, em páginas únicas, com agrupamento de informações.

É interessante destacarmos que as práticas através do hipertexto e/ou do *design* de página única ocorrem para além das paredes das instituições de ensino. Tal fato ocorre porque, apesar de a literatura demonstrar grande interesse em seu uso, no fazer pedagógico, como discorremos anteriormente, esta pesquisa se volta estritamente a uma análise de ações e discursos dentro do espaço virtual, podendo ser estendida para outros enfoques. No que tange à discussão acerca das semelhanças e/ou diferenças entre texto e hipertexto, preferimos o emprego (hiper)texto, que explicita a flexibilidade presente na *internet* e que enfatiza a compreensão de que “a hipertextualidade já existia antes do computador e da *web*. Nos suportes digitais, contudo, essa natureza multimodal da linguagem encontrou realização plena” (PINHEIRO; ARAÚJO, 2020, p. 199, grifo nosso).

A alta presença de recursos multissemióticos nas produções textuais da *internet*, o que para Xavier (2007) personifica a dança das linguagens na *web*, instiga a criatividade e interação entre os usuários. Ao compreendermos texto como “um enunciado que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos, ou seja, combinação de diversas linguagens” (CAVALCANTE *et al.*, 2019, p. 26), levamos em consideração que a produção de sentidos se dá no diálogo entre os enunciados de diferentes sujeitos, os quais pressupõem e exigem respostas dos interlocutores situados em contextos (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

Fiorin (2018), em suas interpretações das reflexões bakhtinianas, nos direciona a um olhar crítico sobre este erro que pode ser cometido - a ideia de que o dialogismo de Bakhtin e o Círculo se restringe à interação face a face num contexto pré-digital. À medida que a *internet* é um espaço em que discursos são feitos e desencadeiam respostas, temos um enunciado, completo e acabado, que, mesmo sendo singular, leva em consideração os discursos precedentes e futuros, a partir de seu dialogismo constitutivo, no qual há a luta de vozes sócio-históricas e político-ideológicas. Retroalimentado por esse diálogo infundável, o enunciado é complexo, heterogêneo e indissociável do contexto em que foi realizado (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). Sendo assim, na *internet*, especialmente no *TikTok*, essa necessidade de fazer-se ouvir e de entrar na rede dialógica de réplicas não é diferente.

Podemos afirmar, com base em Hilary Janks (2018), que novas mídias de informação e comunicação permitem a democratização de conhecimentos, especificamente porque as pessoas são propensas a se posicionar diante dos mais variados temas, segundo vimos na ideia de *escritor*, sustentada por Paveau (2021). Entretanto, segundo alerta Janks (2018), cabe atenção a informações que podem ser utilizadas para fins diversos, como as *fake news*⁴ e, como prevenção a notícias fraudulentas, a educadora apresenta a ideia de letramento crítico, concebido como a leitura “contra e a favor do conteúdo, da forma e dos interesses do texto para poder redesenhá-lo” (JANKS, 2018, p. 18), num processo contínuo de *design*, *re-design* e crítica.

Destarte, o letramento crítico se desenvolve com o intuito de combater discursos poderosos que “continuam a nos falar e a falar através de nós” (JANKS, 2018, p. 15). E, sendo o *TikTok* um aplicativo bastante propício à adesão, especialmente entre os jovens, em que os indivíduos marcam seu posicionamento responsivo-ativo nos gestos enunciativos de visualizar, curtir, comentar, produzir e compartilhar vídeos em interação com outros usuários, ele pode ser um meio para “disseminar discursos contrários, para mobilizar oposição, questionar e desestabilizar o poder” (JANKS, 2018, p. 15-16). Assim, frente à possibilidade de compreensão de discursos que circulam naquela mídia social, analisamos diferentes posicionamentos revelados nos processos enunciativos tomados como objeto de estudo.

3 A construção metodológica

No *TikTok*, ao criar uma conta e fazer *login* pela primeira vez no aplicativo, o usuário precisa escolher temas de seu interesse, e isso facilitou, de certa forma, a busca por produções que abarcassem o objetivo deste trabalho, visto que adentramos no ambiente instigando os algoritmos a recomendarem discursos antirracistas e feministas. Após tal seleção inicial, a mídia, desde os primeiros movimentos da pessoa em seu ambiente, permite a visualização, comentário e produção de (hiper)textos. É uma liberdade, tanto para acessar determinadas informações quanto para compartilhar sua opinião com os seguidores. A Figura 1, abaixo, permite que vejamos

⁴ Numa perspectiva bakhtiniana, concebemos as *fake news* como “enunciados concretos e singulares que são criados e divulgados de forma distorcida e/ou descontextualizada (propositalmente ou por interpretações equivocadas) e que validados como verdadeiros por sujeitos e grupos que se beneficiam do seu conteúdo” (MOLINARI, 2021, p. 11).

determinados gestos possíveis dentro do espaço virtual, em especial, quanto à parte de assistir aos vídeos.

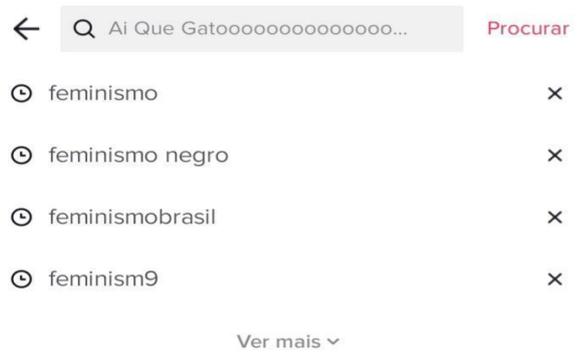
Fig. 1: Exemplo de (hiper)texto dado pelo próprio *TikTok* quando o usuário realiza o cadastro pela primeira vez.



Fonte: *TikTok*.

Enxergamos, diferentemente do que pode ser encontrado em outras redes sociais, que a interface do *TikTok* é arquitetada para a contemplação do (hiper)texto, com o vídeo tomando boa parte da tela, e diferentes ações exequíveis nas laterais da produção. A mídia, por meio disso, direciona o usuário ao tecnografismo defendido por Paveau (2013, 2021) e mencionado anteriormente. Outro movimento interessante no aplicativo, o qual realizamos para encontrar discursos relacionados ao antirracismo e ao feminismo, é a ferramenta de busca dos vídeos dos *influencers*, exposta a seguir.

Fig. 2: Ferramenta de busca do TikTok.



Fonte: TikTok.

Os dois temas - antirracismo e feminismo - foram escolhidos por sua relevância na sociedade atual, a fim do combate a discursos contra grupos (negros e mulheres) que continuam à margem na hierarquia axiológica de espaços marcados pelo racismo e machismo. E, como a construção do “eu” e do “outro” sempre se (per)faz através da linguagem, consideramos importante, na agenda dos problemas sócio-históricos de hoje, uma melhor compreensão dos embates de sentido, isto é, da arena discursiva permeada por valores. Partindo disso, ao todo, coletamos cinquenta comentários dos vídeos produzidos por vinte *tiktokers* que debatem temas importantes para dois movimentos sociais - negro e feminista.

Todavia, a fim de interpretações mais aprofundadas, delimitamos o objeto de pesquisa a dois (hiper)textos (um voltado à luta antirracista, contemplado no subtópico 4.1, e outro direcionado ao discurso feminista, no subtópico 4.2) e nove comentários, sendo todo esse *corpus* produzido em 2021. Essa delimitação se deu a partir da observação de quais (hiper)textos e comentários apontavam de forma mais explícita o objetivo desta pesquisa. Por questões de privacidade, preservamos a identidade tanto das criadoras dos (hiper)textos quanto dos comentaristas, apenas destacando seus gêneros, a exemplo de seguidor(a), pois entendemos que os atravessamentos dos homens e das mulheres são diferentes numa sociedade ainda patriarcal.

Para tal, o critério de seleção foi a aproximação dos comentários com nosso objetivo de pesquisa e o número de curtidas. Este último fator tornou-se relevante porque nenhum interlocutor consegue ser passivo durante o processo de interação e o não-dito também é uma forma de participar do dialogismo constitutivo dos enunciados (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]), fazendo com que as curtidas sejam uma demonstração de apoio ao que foi afirmado tanto pelo *influencer* digital

quanto pelas pessoas nos comentários. Considerando esses dois fatores, apresentamos e interpretamos os papéis ativos-responsivos evidenciados a partir de agora.

4 Reflexões acerca de movimentos enunciativos multissemióticos

4.1 Cadeia discursiva sobre raça e etnia

Os *tiktokers* são os *influencers* dentro da mídia social *TikTok* com perfis que muitas vezes ultrapassam milhões de visualizações e que manipulam os recursos tecnolinguageiros disponíveis em suas produções textuais-discursivas para marcar posição acerca de um fato discutido na sociedade. Uma vez que possuem um alcance expressivo de pessoas, eles desencadeiam, nos comentários, diferentes visões de mundo e posicionamentos. Como ilustração, exibimos, a seguir, a postagem de uma *tiktoker* que levanta recorrentemente questionamentos sobre raça e etnia, estimulando grande engajamento entre cidadãos.

Fig. 2: Print de vídeo sobre questões étnico-raciais.



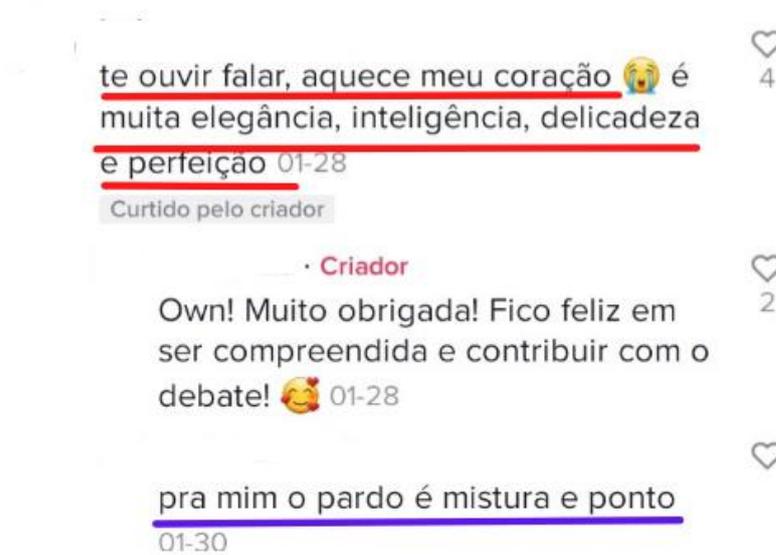
Fonte: *TikTok*.

Na Figura 2, vemos que a *tiktoker* lê um questionamento da seguidora e afirma que “a população negra é formada por pretos e pardos” mesclando semioses (escrita, imagem e som), mobilizadas pelos vários recursos tecnológicos disponíveis. Esses recursos produzem legendas, *print*, diagramação, entre outros elementos componentes do ecossistema digital que incidem em discursos, nos quais o linguístico e o tecnológico se incorporam, sem prevalência de um sobre o outro. Para a produtora do conteúdo e sua interlocutora, isso possibilita movimentos maleáveis próprios do espaço digital que suscitam grande interesse e engajamento pelo que está sendo dito. Engajamento porque o vídeo contava com mais de mil curtidas no momento da produção deste artigo, o que explicita sua relevância. Dessarte, ao partir de seus sentidos construídos até então sobre o tema perguntado, a *influencer* da Figura 2 negocia dialogicamente com outro sujeito (VARGAS; CARVALHO, 2020), ou seja, presenciemos a responsividade própria dos discursos, em seu contexto de produção (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

É no fluxo discursivo que o destinatário se torna peça constitutiva da comunicação verbal, como assevera Bakhtin (2000), visto que todo enunciado é realizado em função de um interlocutor. No acontecimento enunciativo, o interlocutor sempre estará no horizonte do locutor e vice-versa, mas essa interação não se restringe a uma simples compreensão de um dito, uma vez que é apenas o passo inicial do processo responsivo. O anseio do locutor é por atitude responsiva ativa, que pode ser realizada como recusa, aceitação, acabamento, (re)criação do ato enunciativo ou outros gestos possíveis nos processos interacionais. Portanto, como visto na interação tecnolinguageira ilustrada na Figura 2, é a responsividade que possibilita ao enunciado se expandir, continuar em elos discursivos ou ser interrompido.

Em consequência, dado que, “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 25), o discurso da *tiktoker* estimula uma cadeia discursiva em continuidade nos comentários do conteúdo postado. À procura de uma definição da prática social do gênero utilizado como meio para essa cadeia discursiva, trazemos à tona Remenche, Machado e Rohling (2020, p. 4), os quais adotam a ideia de que o comentário *on-line* é um gênero discursivo digital, em que encontramos uma “resposta a uma publicação, ou seja, uma réplica que pode se dirigir à própria publicação ou a outros comentários”. É a réplica bakhtiniana retratada por polêmicas discursivas instauradas no comentário. Por essa razão, ele é entendido como embate de sentidos, enunciado concreto que marca uma posição axiológica no mundo, movimento observado na Figura 3.

Fig. 3: Cadeia de comentários estabelecida entre seguidores e *influencer*.



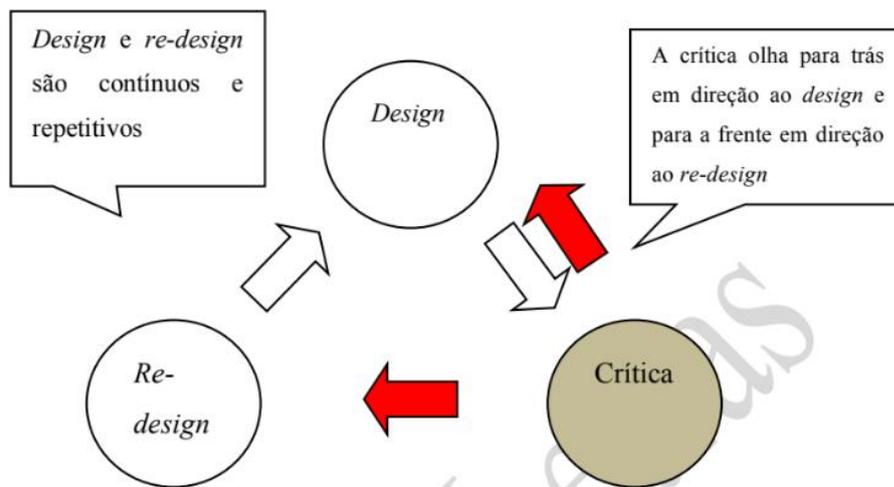
Fonte: *TikTok*.

Num primeiro momento, destacado pela listra vermelha, lemos um comentário positivo: “te ouvir falar, aquece meu coração”. Em seguida, a pessoa amplia seu comentário, numa reação também positiva à *influencer*, ao asseverar que “é muita elegância, inteligência, delicadeza e perfeição”. Neste caso, há um sujeito responsivo-ativo que concorda com o valor semântico-ideológico da postagem aliando-se ao que foi enunciado. Por outro lado, o sujeito do terceiro comentário, sublinhado de roxo, estabelece uma ação responsiva-ativa contrária ao argumento sustentado pela *influencer*. Em vista disso, percebemos que, da opinião construída no gênero digital comentário *on-line*, “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 29), concordando ou discordando do enunciado lido, escutado e interpretado, processos caros à produção textual e discursiva na sociedade de informação contemporânea.

E, quando colocado em destaque o fato de que o discurso da *tiktoker* é marcado por uma demanda social, no cunho pedagógico de construir conhecimentos sobre o tema que envolve relações étnico-raciais, notamos possibilidades de convergência entre as práticas de linguagens nesse ambiente virtual e a concepção de letramento crítico (JANKS, 2018). Ao interpretar o

discurso postado e opinar, por meio de comentários, a cadeia enunciativa pode ser vista no seguinte movimento, sob a perspectiva desse letramento:

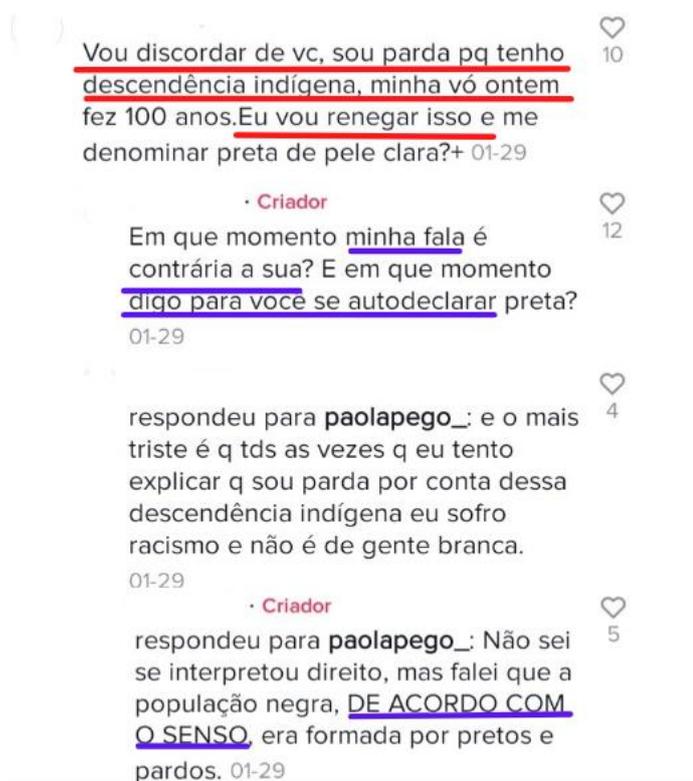
Fig. 4: Processo contínuo do letramento crítico.



Fonte: Janks (2018).

A *influencer* do *TikTok*, ao proferir sua opinião com base em atravessamentos que constituem sua subjetividade, é a *design*. Já o seguidor, enquanto sujeito ativo e reflexivo, dialoga com o enunciado e passa a ser o *re-design*, ratificando ou refutando as ideias do vídeo (primeiro e terceiro comentários da Figura 3, respectivamente). Segundo a própria Figura 4, a criticidade está presente em todos os momentos, e são esses movimentos que, como exemplificados nas Figura 2 e 3, continuaremos analisando. Também na cadeia discursiva estimulada pelo enunciado da Figura 2, registramos os discursos adiante.

Fig. 5: Comentários dos usuários e das respostas da *tiktoker* acerca das ideias construídas no vídeo.



Fonte: *TikTok*.

Novamente, o comentário, destacado pelas listras vermelhas, explicita um sujeito com um discurso que diverge do que foi proferido. Vale destacar o uso dos pronomes (*vc*, *minha* e *eu*), os quais expressam uma responsividade de ação. É a seguidora distinguindo as diferentes vozes que a atravessaram e atravessam, uma consciência do *eu* e do *outro*. E, no decorrer dessas inter-relações convergentes e/ou divergentes, ela, como um sujeito responsivo-ativo, negocia sentidos, discordando, no caso, da *influencer*. Outro ponto interessante é a *tiktoker* citar uma fonte em seu comentário (“DE ACORDO COM O SENSO”), grifado de roxo, ocorrência que deixa nítida a preocupação em construir conhecimentos com bases verídicas, ação confluyente com o processo de letramento crítico (JANKS, 2018).

Além disso, há a quantidade de curtidas no comentário da criadora de conteúdos, um fator que se enquadra como uma mensagem não-dita, já que as doze curtidas indicam apoio à ideia construída pela produtora do vídeo. Desse modo, “na composição de sentido, não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social” (VOLÓCHINOV, 2021 [1929], p. 238). Isto é, constantemente, concordamos e discordamos de

enunciados realizados por outros sujeitos, através de atravessamentos enunciativos que formam socialmente os indivíduos. No contexto sócio-histórico da mídia social analisada, como percebemos, esses posicionamentos se dão por intermédio de recursos tecnolinguageiros, (hiper)textos e comentários *on-line* e constroem uma arena discursiva, na qual o *eu* e o *outro* negociam sentidos, sem precisar ter pontos de vista coincidentes.

4.2 Posicionamento feminista de um sujeito no *TikTok* e a criação da cadeia discursiva

Temas do movimento social feminista também têm marcado o *TikTok*, com construções discursivas que questionam o porquê da prevalência de comportamentos machistas na sociedade com a mescla de diferentes linguagens, as quais trabalham em uníssono na construção de sentidos que provavelmente não seriam possíveis em texto pré-digital. Exemplo de uma postagem que levanta tais questões sociais e que recorre às práticas de linguagem *internetianas* (MARCUSCHI, 2008) pode ser visto no *print* a seguir.

Fig. 6: Postagem contra o machismo.



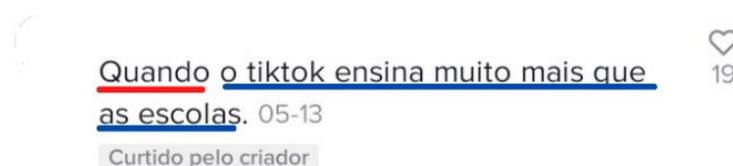
Fonte: *TikTok*.

Ao proferir discursos recorrentes que legitimam abusos contra a mulher, a criadora do conteúdo aborda ironicamente os argumentos utilizados, em geral, para culpar as vítimas de assédio e feminicídio. O impacto de seu vídeo pode ser ponderado pelo alto número de curtidas, o qual, como defendido anteriormente neste artigo, indica um sentido de concordância por parte dos interlocutores com o que foi construído pela *influencer* numa produção que se utiliza dos recursos multissemióticos disponíveis na mídia social. Merece ênfase, ainda, o aparecimento de *hashtags* na parte inferior da Figura 6, a exemplo de *#feminismo*, *#mulher* e *#viral*. De forma sintética, a *influencer* nos mostra o objetivo dos *posts* no *TikTok*: viralizar, alcançando muitas pessoas, e os temas centrais de sua produção - o lugar da mulher em nossa sociedade e a importância de ações contra o preconceito.

Consequentemente, interpretamos o caráter pedagogizante desse (hiper)texto, aspecto que será aprofundado adiante na análise dos comentários, bem como o uso profícuo das *hashtags*, concebidas como *hiperlinks* que facilitam o acesso à informação. Tudo isso pode contribuir para construção de conhecimentos dos usuários e fazê-los se envolver “conscientemente com as formas em que os recursos semióticos foram aproveitados [...] e como os recursos diferentes podem ser aproveitados para reconstruir e re-posicionar [sic] o texto. É um olhar tanto para trás como para frente” (JANKS, 2018, p. 19).

Ademais, verificamos, no *print*, vinte e dois mil e quatrocentos compartilhamentos no *WhatsApp*, ou seja, uma grande circulação dos discursos e sentidos construídos. E esses atravessamentos que os sujeitos passam a ter quando dialogam com o enunciado da *tiktoker* se transformam nos mais de dez mil comentários existentes na postagem. A fim de apresentá-los e analisá-los, selecionamos dois desses comentários. Primeiramente, destrinchamos sentidos no discurso do seguinte enunciado:

Fig. 7: Enunciado de seguidor acerca do papel dos (hiper)textos no *TikTok*.



Fonte: *TikTok*.

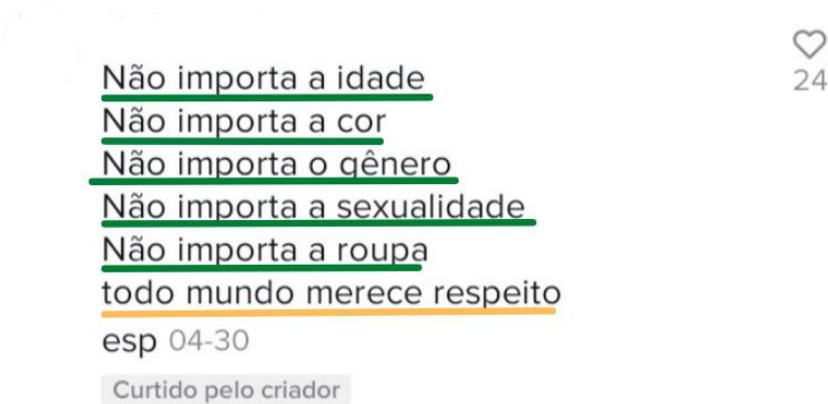
A priori, avistamos que o comentário se inicia com um advérbio, “quando”, indicando uma circunstância de tempo em que o *TikTok* serve para ensinar criticamente determinado tema. No que tange à ideia de que “o tiktok ensina muito mais que as escolas”, enfatizamos o emprego do “mais”, advérbio de intensidade. Interpretamos, assim, que a educação formal continua tendo o seu valor e suas ações, mas em comparação à mobilização de conhecimentos dentro da mídia social sobre o tema do machismo, as escolas talvez não proporcionem tais debates ou o discurso escolar não alcance tanto o público quanto o *TikTok*. Influenciada pelas reflexões de Paulo Freire (1996, 2014a, 2014b), bell hooks⁵ (2013, p. 53), em um capítulo intitulado Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural, presente no livro *Ensinando a transgredir*, ratifica que “nenhuma educação é politicamente neutra” e que persiste um medo por parte dos docentes de abrirem as portas de suas salas de aula ao multicultural e às discussões que estão no cotidiano dos discentes.

O seguidor, ao sustentar que os questionamentos e as respostas no *TikTok* podem ultrapassar o limite de discussão estabelecido por muitas escolas, está assinalando seu descontentamento com uma prática pedagógica que não traz à tona a complexidade e as demandas de temas e fatos urgentes num país que precisa debatê-los. As dezesseis curtidas, englobando a da própria criadora do vídeo, juntam pessoas atravessadas pelo discurso que apoiam o enunciado do seguidor e que partilham de um posicionamento semelhante. À vista disso, na *internet* e, por conseguinte, no *TikTok*, “[...] temos não só a alteração dos textos e, decorrentemente, dos letramentos, mas também a diluição da separação e das diferenças entre as diversas linguagens e letramentos” (ROJO; MOURA, 2019, p. 19), incluindo o letramento crítico. À medida que a mídia social analisada aqui oferece postagens e comentários sobre diversas problemáticas e espaço para manutenção de cadeias discursivas, ela pode democratizar o acesso à informação, instigando a criticidade, como determinados meios de comunicação têm feito (JANKS, 2018).

Dentro de uma “perspectiva freiriana de letramento crítico, cujo propósito é a intensificação de *uma postura crítica dos sujeitos* em que possa ser viabilizada *uma emancipação dos oprimidos frente aos discursos opressores*” (SANTIAGO, 2020, p. 28, grifo nosso), ponderamos como fundamental o redesenho crítico de Janks (2018), conforme a Figura 4, observado no comentário a seguir.

⁵ Nesta pesquisa, entendemos ser uma forma de respeito à intelectual escrever seu nome autoral em minúsculo, já que suas obras foram publicadas dessa maneira.

Fig. 8: Postagem em processo de redesenho crítico.



Fonte: TikTok.

Dividido em seis partes, sem uso de pontuações, o enunciado se inicia num paralelismo sintático, quase sempre com o advérbio de negação, “não”, como mostram os destaques verdes no comentário. Essa construção enunciativa suscita sentidos, os quais desvalidam certos argumentos de sujeitos que tentam amenizar a gravidade do assédio e feminicídio, a exemplo dos enunciados machistas que a *tiktoker* ironizou em sua postagem, na Figura 6. Com a intenção de ratificar a necessidade de nos movermos contra qualquer tipo de injustiça e exclusão, a seguidora responsável pelo comentário argumenta que, independentemente de qualquer fator, a mulher, assim como todos os sujeitos, merece respeito. Ao sustentar tal ideia, ela realiza o movimento contínuo do letramento crítico, como um *re-design* (JANKS, 2018) que interpreta criticamente as diferentes linguagens aglutinadas no vídeo e que estende a discussão para outros horizontes. Nessa mobilização, em seu discurso, questões de orientação sexual, raciais, entre outras, estão entrelaçadas com as demandas de gênero social.

Feita a análise desta pesquisa, presenciamos um ciclo dialógico infundável, em que as unidades da língua em estado de dicionário não dariam conta. Seria difícil porque “a forma linguística é dada ao falante, como acabamos de mostrar, apenas no contexto de *certos enunciados* e portanto apenas em um *determinado contexto ideológico*” (VOLÓCHINOV, 2021

[1929], p. 181, grifo nosso). Daí, usuários do *TikTok* que percebem o dialogismo ideológico constituinte dos discursos das *influencers* e que entram nesse diálogo também com suas vivências, crenças e ideologias, deixando, na mídia social, marcas que apontam para o fato de que “nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira [...] e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*” (VOLÓCHINOV, 2021 [1929], p. 181, grifo do autor). São essas as condições próprias de existência de textos e discursos, em qualquer tempo-espaço, em uma abordagem discursiva, a que aliamos a perspectiva dos letramentos críticos.

Considerações finais

Compreendemos que, ao se constituir em arena discursiva, na qual se entrecruzam diversificados posicionamentos, típicos dos embates de sentido nas redes, o *TikTok* corrobora para discursos performativos sobre diferentes temas e fatos sociais, como ilustramos com a análise de postagens sobre pautas dos movimentos negro e feminista. Esse *fazer-se ouvir* é explorado nos (hiper)textos postados pelas *tiktokers*, que mesclam diferentes linguagens e que instigam a retomada, manutenção, (re)produção e disseminação de cadeias discursivas por intermédio dos comentários *on-line*. Desse modo, as pessoas, nesse espaço virtual, assumem papéis responsivo-ativos e efetuam o processo de letramento crítico evidenciado por Janks (2018), seja para ratificar um discurso ou refutá-lo.

Por extensão, além dos aspectos sobre posições ideológicas relacionadas a letramentos críticos examinados aqui, outros temas podem ser aprofundados em trabalhos futuros a respeito do *TikTok* e demais espaços digitais, como os processos de textualização e referenciação a partir de gêneros nativos *onli-ne* e não com base em realidade pré-digital; a ciberviolência discursiva; a iconização do texto ou a textualização da imagem, forjadas pelo ambiente multimídia que é a *internet*; entre outros temas. Há um fértil ambiente de pesquisa que pode ser mais bem aproveitado com recortes epistemológicos e teóricos pós-dualistas, que se apoiam no *continuum* da verbovisualidade, própria do ecossistema digital, configurado na atualidade do (hiper)texto ou na sua superação, como já se torna possível perceber nos direcionamentos gerados pelo *design* de página única.

Outrossim, num horizonte sociopolítico, visto que as questões políticas são inerentes a diferentes processos das interações humanas, entre os quais, o ensino-aprendizagem, o trajeto iniciado por determinados pesquisadores, a exemplo das contribuições de Monteiro (2020), Barin, Ellensohn e Silva (2020) e este próprio trabalho, terá continuidade com a visada sobre novos objetos de estudo. É um panorama holístico promissor que, a longo prazo, pode desmistificar a noção de que aplicativos presentes na realidade das pessoas, como o *TikTok*, não corroboram para a criatividade e criticidade dos sujeitos nem podem entrar na agenda dos estudos linguísticos, sob enfoque textual e discursivo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1952-1953].
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].
- BARIN, Claudia Smaniotto; ELLENsohn, Ricardo Machado; SILVA, Marcelo Freitas. O uso do *TikTok* no contexto educacional. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/110306>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (con)textos linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27888/18773>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, 2016, p. 8-20. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- ELIAS, Vanda. Hipertexto e leitura: como o leitor constrói a coerência? In: CABRAL, Ana Lúcia; MINEL, Jean-Luc; MARQUESI, Sueli Cristina (org.). *Leitura, escrita e tecnologias da informação*. São Paulo: Terracota, 2015. p. 53-74.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 161-193.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GOMES, Andreza Kaisa dos Santos; SILVA, Everton Henrique Souza. Experiência de monitoria remota: uma análise sobre o letramento digital. *Ao Pé da Letra*, Recife, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/251222>. Acesso em: 28 ago. 2022.

HOOKS, Bell. Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural. In: HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 51-63.

JANKS, Hilary. A importância do letramento crítico. Tradução de Mila Soares Souza. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 34, n. 1, p. 15-27, 2 jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/42961>. Acesso em: 28 fev. 2022.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. O texto na linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-44.

LETRAMENTOS digitais (minicurso - aula 1). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Parábola Editorial. Disponível em: <https://youtu.be/ga6lqA8yiDs>. Acesso em: 26 fev. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLINARI, Clara Moreira. *Pandemia de (des)informações: um estudo discursivo das fake news sobre a COVID-19*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/213978>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. *TikTok como suporte midiático para a aprendizagem criativa*. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*, [s. l.], v. 1, n. 2, mar./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/30795>. Acesso em: 28 fev. 2022.

OSTROVSKY, Adam; CHEN, Joshua. TikTok and its role in COVID-19 information propagation. *Journal of Adolescent Health*, [s. l.], v. 67, aug. 2020. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(20\)30459-6/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(20)30459-6/fulltext). Acesso em: 28 fev. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital*. Tradução de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. São Paulo: Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. Genre de discours et technologie. *Pratiques*, Français, n. 157-158, juin, 2013, p. 7-30.

PINHEIRO, Regina Cláudia; ARAÚJO, Júlio. O hipertexto na linguística: origem, concepções e contribuições para a área. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza (org.). *Linguística geral: os conceitos que todos precisam saber*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. *E-book* (291 p.). p. 185-215. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/linguistica-geral-3>. Acesso em: 28 fev. 2022.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MACHADO, Paulo Henrique; ROHLING, Nívea. Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n260375>. Acesso em: 28 fev. 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTIAGO, Leiliane Nogueira. *Letramento crítico multimodal no ensino de Língua Portuguesa a partir de tiras*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

VARGAS, Júlia; CARVALHO, Flora Villas. "Oi, beninas": analisando as vlogueiras mais famosas do Brasil a partir de uma abordagem feminista e interseccional. *Áskesis*, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 137-161, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/612>. Acesso em: 28 fev. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].

XAVIER, Antonio Carlos. A dança das linguagens na *web*: critérios para definição de hipertexto. In: CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; MELLO, Heliana (org.). *Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2007. p. 199-210.

XAVIER, Antonio Carlos. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.